

Caderno de História, nº 18
Memorial do Rio Grande do Sul
Elma Sant'Ana



Carga Farrapa – Pintura de Guido Mondin

Garibaldi e as
Repúblicas do Sul

Garibaldi e as Repúblicas do Sul

Garibaldi: Guerreiro e articulador político

A cidade de Nice – antes denominada Nizza - foi conquistada pelos franceses e esteve sob domínio do Rei da Sardenha, o Duque de Savóia, em 1814, sendo incorporada definitivamente ao território francês em 1860. Em Nizza, então italiana, às margens do Mediterrâneo, nasceu Giuseppe Maria Garibaldi.

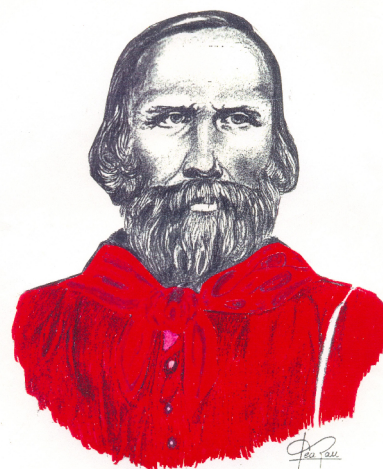
Eram seus pais: Domenico (ou Domingos) Garibaldi, Capitão do Mar, e Rosa Raimondi, que, segundo seu filho, era "um modelo de mulher e de mãe". Tiveram cinco filhos: Angelo, Giuseppe, Felice, Michelle e Teresa (que faleceu aos três anos de idade).

Garibaldi era um homem atraente, de olhos castanhos penetrantes (muitas vezes descritos como azuis), barbudo, cabelos loiros (ocasionalmente avermelhados, a La Nazareno), sobrancelhas e barba loiras, fronte alta, nariz regular, de mediana estatura; era de compleição atlética e possuía "uma estranha e buliçosa aparência de espadachim inquieto". Dono de um sorriso cálido como o sol da Sicília e de uma voz que, no campo de batalha, parecia um clarim.

Moço feito, foi iniciado na maçonaria Carbonária e na política de Giuseppe Mazzini, que se opunha à presença austríaca na Itália, sonhando com a unificação da península.

A imensa bibliografia que existe sobre a vida e obra de Giuseppe Garibaldi, Herói de Dois Mundos e Unificador da Itália, talvez não tenha sido suficiente para ressaltar, na Europa, perante os seus atuais admiradores, a importância de seu trabalho como guerreiro e articulador político na América, especialmente no Estado do Rio Grande do Sul, que faz fronteira com a Argentina e o Uruguai.

Quando Giuseppe Maria Garibaldi chegou ao Brasil, no final de 1835, mais precisamente a 25 de novembro (em 17 de agosto de 1835, partiu de Marselha indo direto



Pintura de Léa Rau, do livro de W. L. Rau, "ANITA GARIBALDI"

ao Rio de Janeiro); era um jovem marinheiro, idealista e sonhador, corajoso e ousado, mas praticamente inexperiente. Sua militância era exclusivamente marinheira, pelos portos do Mediterrâneo e até um pouco mais longe.

No Rio de Janeiro, Garibaldi fez parte da loja maçônica *Asilo da Virtude*. Em 1844, no Uruguai, foi incorporada pela loja *Les Amis de Ia Patrie*, de Montevideú, em sua maioria formada por franceses.

Garibaldi e a Guerra dos Farrapos

A 20 de setembro de 1835, explode uma revolução na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Os liberais, liderados por Bento Gonçalves da Silva, contra os conservadores, que tiveram vários chefes ao longo dos dez anos de duração da luta armada. Depois de um ano de revolução intransigente dos liberais, apelidados de Farrroupilhas ou Farrapos, contra os conservadores, chamados de Camelos ou Caramurus, os farrroupilhas desistiram da paz e proclamaram a República em 11 de Setembro de 1836. Separando o Rio Grande do Sul do Brasil, com o nome de República Rio-grandense, tentaram, ao longo de nove anos, organizar a estrutura de uma nação independente republicana, assolada por muitos problemas, mas cheia de bravura, tratando de realizar um Estado completo, com os serviços públicos, o exército e a marinha, porque os tempos eram de guerra. Aí é que entra Garibaldi.

O exército republicano teve, antes de qualquer coisa, forças de cavalaria, sendo, como são até hoje os rio-grandenses cavaleiros. O problema maior era a falta de pessoal para a Marinha de Guerra, já que os rio-grandenses são homens do lombo do cavalo, não do dorso das ondas do mar. Ademais, a costa atlântica rio-grandense, não tem portos naturais. Estaleiros navais, só em Portugal. A República possuía um pequeno estaleiro na foz do Rio Camaquã, usado para a construção de barcos em futuros combates.

Garibaldi constrói e arma lanchões de guerra e faz prodígios operando nas águas rasas da Lagoa dos Patos, pondo em xeque a poderosa esquadilha imperial brasileira, comandada por um experiente almirante inglês, chamado John Pascoe Grenfell, mercenário a serviço da Corte no Rio de Janeiro.

Garibaldi: Comandante da Marinha Rio-grandense



Em 1º de setembro de 1838, Giuseppe Garibaldi é nomeado capitão-tenente, Comandante da Marinha Farroupilha. Retorna, então, ao estaleiro de Camaquã, a fim de apurar a construção de mais dois lanchões.

A ordem recebida por Garibaldi, chefe da Marinha Rio-grandense, era difícil de ser cumprida: "Apoiar com seus lanchões as forças de David Canabarro incumbidas de tomar Laguna para, a partir dali, estabelecer um porto, haja vista que a cidade de Rio Grande estava em poder dos imperiais".

No dia 5 de julho, Garibaldi remonta o pequeno rio Capivari, onde não podem manobrar os pesados barcos do Império, puxando sobre rodados, para a terra, os dois lanchões artilhados, com cem juntas de bois, atravessando ásperos caminhos, pelos campos úmidos - em alguns trechos completamente submersos. Piquetes corriam os campos entulhando atoleiros, enquanto outros, cuidavam da boiada.

Levam seis dias até a Lagoa Tomás José, chegando, portanto, a 11 de julho. Cada barco tinha dois eixos e, naturalmente, quatro rodas imensas, revestidas de couro cru. No dia 13, seguem da Lagoa Tomás José à Barra do Tramandaí, sob o Oceano Atlântico, e, no dia 15, lança-se ao mar com sua tripulação mista: 70 homens - Garibaldi comanda o Farroupilha, com dezoito toneladas, e Griggs, o Seival, com 12 toneladas - ambos armados com quatro canhões de doze polegadas, de molde "escuna".

Em plena tormenta, seu barco naufraga e ele vê, impotente e desesperado, amigos queridos e companheiros preciosos sendo tragados pelas ondas revoltadas com tamanha audácia. Garibaldi escapa a nado e com apenas o barco remanescente, será parte decisiva na tomada da Província de Santa Catarina, secundada por mar pelo exército *farrapo*, comandado por David Canabarro, onde brilhava a espada invicta de Joaquim Teixeira Nunes, o heróico e bizarro comandante dos Lanceiros Negros, que seguem por terra.

A República Catarinense e Anita

Em 29 de julho de 1839, em Santa Catarina, Garibaldi e os Farrapos proclamaram a República Juliana, na gloriosa imprudência de quem sonhava transformar todas as províncias do Império Brasileiro em repúblicas autônomas, porém federadas. Sua atuação, com os barcos imperiais que tomou como presa de guerra e colocou sob o seu comando na campanha de Santa Catarina, foi notável sob todos os aspectos, revelando-se mais que um simples comandante de barco de guerra, um verdadeiro almirante, capaz de traçar estratégia naval, com uma visão abrangente do teatro de guerra, operando em conjunto com as forças terrestres. Então, numa tarde, da amurada de seu navio, viu uma jovem senhora, quase uma menina, apanhando água numa fonte, porque se recusara, ao contrário do marido, a fugir para as montanhas, diante da fúria dos combates. Seu nome: ANA MARIA DE JESUS RIBEIRO, natural dos arredores de Laguna, uma brasileira típica.



Garibaldi tem 32 anos, é alto, fortíssimo e alourado, com cabelos e barba crescidos. Pergunta-lhe o nome. Ela responde: "Ana". Ele diz, com ternura, talvez aludindo a sua pouca idade ou estatura: "ANITA". Pede-lhe água. Ela lhe alcança. É uma mulher pequena, forte, bela e atraente, sem ser bonita. É extremamente jovem, mas audaz. A frase então pronunciada por Garibaldi, naturalmente em italiano, porque jamais aprendeu o português, foi: "Tu, tens que ser minha".

O amor foi imediato e fulminante. Perduraria sem estremecimentos nos poucos anos que viveram lado a lado. Por dez anos esse amor iluminou a História de dois continentes, igualando-se aos grandes romances da História Universal.

Garibaldi: Comandante da Marinha Catarinense

Em 10 de agosto, ele é oficialmente nomeado Comandante em Chefe da Marinha Catarinense. Os Farrapos não se cansam de elogiar a ação do jovem Capitão-Tenente.

Em 23 de Outubro de 1839, tentando conseguir os mantimentos para a população civil, com Anita a bordo, sai a corso, bordejando o litoral do Paraná e São Paulo.



Desenho de João Rodrigues Junior

No dia 3 de novembro, há o combate naval de Imbituba, nas costas de Santa Catarina, e Anita Garibaldi combate ao lado dos marinheiros com grande bravura. Ela está a bordo do Seival, que tem a bandeira de nau capitânia da pequena frota corsária.

Depois de abastecer a população civil e tomar parte, contrariado, no saque da Vila de Imaruí, fiel à Monarquia, no dia 15, e comandando seis embarcações, Garibaldi enfrenta dezessete navios imperiais na famosa batalha naval de Laguna, quando teve pela frente o Almirante Imperial Frederico Mariath. Anita luta bravamente; inúmeras vezes remando pequeno bote, atravessa o Canal da Barra, levando munição e coragem às tripulações sob o comando do herói. Na iminência de ser esmagado pela superioridade numérica do inimigo

e tendo perdido cinco de seus comandantes, com a saída cortada para o mar, Garibaldi recebe ordem superior de queimar os seus seis navios e de juntar o que resta de suas tripulações ao exército de terra, que prepara a retirada de Laguna. Esta batalha naval teve lances grotescos, com barcos se canhoneando, praticamente encostados. Pelo muito que se arriscaram, Garibaldi e Anita sobreviveram por milagre.

Em 14 de dezembro, em plena retirada para o Planalto Catarinense, Garibaldi e Anita combatem ao lado dos Farrapos, às margens do rio Pelotas e terminam entrando vitoriosos em Lages. Garibaldi e Anita fazem parte de uma tropa de 120 infantes e 80 cavalarianos.

Em Lages, aclamados como heróis libertadores, os dois apaixonados vivem alguns dias de paz e intenso amor. Tudo indica que aí foi gerado o primeiro filho do casal - Domênico Menotti.

No dia 12 de janeiro de 1840, há o combate de Forquilhas, em Curitiba, nas proximidades do rio Marombas, quando os Farrapos, em plena retirada, são derrotados. Anita cai prisioneira dos imperiais. Dizem-lhe que Garibaldi morreu em combate. Pouco depois, ela foge roubando um cavalo e atravessando a nado o rio Canoas e vai reencontrar o seu amado em Lages. Possivelmente grávida, havia cavalgado, corrido e nadado não menos de 80 km de mato, pradarias e rios.

Retorno ao Rio Grande do Sul

Em março, os Farrapos voltam ao Rio Grande do Sul. Garibaldi e Anita vêm com eles. Em abril, Garibaldi toma parte no cerco a Porto Alegre. Em maio, participa da indecisa batalha de Taquari, de gigantescas proporções.



Homenagem a Anita e Garibaldi

São José do Norte: A Luta por um Porto

Em 16 de julho, São José do Norte foi palco de um dos maiores combates da Revolução Farroupilha, sob o comando dos líderes Bento Gonçalves da Silva, Giuseppe Garibaldi, Onofre Pires, Domingos Crescêncio. Neste combate, Bento Gonçalves demonstrou, mais uma vez, sua grandeza, preferindo retirar as tropas farroupilhas e desistir de tomar a vila, que seria essencial para se apossar do porto de mar e lagoa, do que atear fogo à mesma e sacrificar a vida de inocentes, pondo em risco o futuro da República Rio-grandense. "Por tal preço não quero a vitória", foi a resposta de Bento Gonçalves à sugestão de Domingos Crescêncio, marcando para sempre a história do nosso Estado.



Homenagem a Garibaldi em São José do Norte - RS

Nasce o Filho Gaúcho de Anita e Garibaldi

No dia 16 de setembro de 1840, nascia, em São Luis de Mostardas, na casa da família Costa, na localidade de São Simão, o primogênito de Giuseppe e Anita, Domênico ou Domingos Menotti Garibaldi.

DOMÊNICO (ou em português, DOMINGOS ou ainda DOMINGO) MENOTTI

GARIBALDI recebeu seu primeiro nome do avô paterno e, o segundo, de Ciro Menotti, herói italiano da Unificação, ídolo de Garibaldi executado em 1831.

Garibaldi deve viajar a Viamão, em busca de recursos e para avisar Luigi Rossetti do nascimento de Domenico. Os Farrapos vivem tempos ruins para a República e apenas sua lendária coragem os mantém de pé e lutando. Garibaldi é um deles, mas, na sua ausência, o tenaz Chico Pedro de Abreu, informado da presença dos Garibaldi no local e ainda cicatrizando o ferimento de Camaquã, ataca o rancho dos Costa. Anita agarra o filho, que tem apenas doze dias, e, delirando de febre puerperal, precariamente vestida, só tem uma preocupação: salvar Menotti. Monta o cavalo em pêlo e amamentando o filho a galope percorre um caminho que sempre foi conhecido como a "Estrada do Inferno", que só veio a ser asfaltada na última década do século XX.

Após conseguir alguns recursos com Rossetti e outros amigos, Garibaldi compra o que era necessário para Anita e Menotti e retorna para São Simão. Ao chegar à Roça Velha, fica sabendo o que tinha se passado na sua ausência. Foi informado, também, que "Moringue" e sua gente tinham atacado de surpresa, matando quase todos os Farrapos, inclusive o Capitão Máximo. Chico Pedro e sua cavalaria desceram para São José do Norte a fim de dispersar os grupos revolucionários que haviam permanecido após a retirada daquela Vila, considerada como a última oportunidade que os Farrapos tiveram de conseguir um porto de mar. E Anita? E Menotti? Onde estariam? Tranqüilizado e orientado por moradores, Garibaldi encontra-os e retornam para o rancho.

Garibaldi, Anita, Menotti e seus marinheiros ainda permanecem por um tempo em São Simão. Depois, recebem ordem de se estabelecerem à margem do Rio Capivari, no mesmo local, onde havia um ano tinham transportado os lanchões para a barra do Tramandaí. Anita sofre, resignadamente, as privações impostas pela vida. Garibaldi não pode abandonar seus companheiros de luta; sem Rossetti, não partiriam, e este se recusava a abandonar a causa da República.

Garibaldi e Anita assumem o compromisso de pai e mãe sem dar trégua à epopéia. Somente depois do nascimento de Menotti, Garibaldi sente a necessidade de dar à Anita e ao filho uma outra vida. São eles que o convencem, provavelmente sem palavras, de que a romântica Revolução acabara e de que era necessário encontrar a paz e recompor as tropas. Garibaldi evoca nas "Memórias"¹, sua admiração pela mulher que é também mãe: ele sente fortemente sua condição de pai.

¹ Livro publicado por Alexandre Dumas a partir das memórias do Herói.



Pintura de Guido Mondin

A Decisão da Partida: Rumo ao Uruguai

Após tamanha odisséia, abandonando canhões e cavalhadas, seguem até o Planalto da Vacaria e, depois, com mais vagar e sem tragédias, infletem para o oeste, seguindo o divisor das águas que hoje é a estrada Transmissoneira. Passam por Mato Castelhano e alcançam Passo Fundo e Cruz Alta. Em 15 de março de 1841, Giuseppe e Anita estão em São Gabriel, onde permanecem, por algum tempo, no novo acampamento farroupilha – sede da heróica República Rio-grandense. Garibaldi decide, então, conforme escreveu em suas “Memórias”, partir para o Uruguai. Estava convencido de que o movimento estacionara e que o melhor seria estabelecer a paz entre os farrapos e o Império. Além disso, as privações sofridas por Anita, a pobreza em que viviam e as dificuldades enfrentadas desde o nascimento do filho fizeram Garibaldi tomar a decisão da partida.



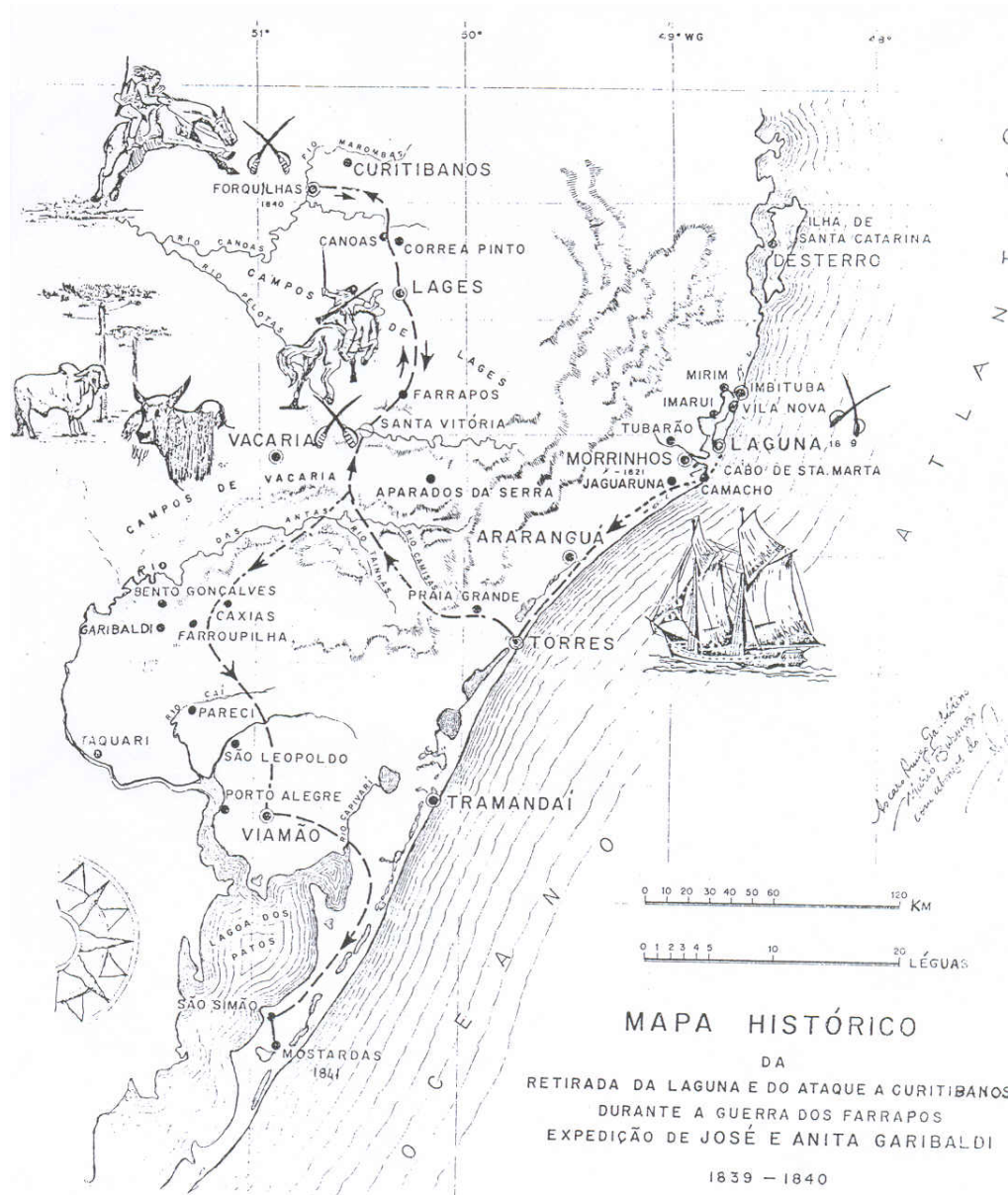
Desenho de Q. Cenni

Nas suas "Memórias", Garibaldi assim se refere à sua viagem a Montevidéu, como tropeiro: "na Estância de Curreal de Pedras, após obter a autorização do Ministro das Finanças, consegui reunir em vinte dias, com muito sacrifício, cerca de novecentos animais que deveriam, com árdua tarefa, levar a Montevidéu, onde cheguei com apenas trezentas peças de couro. Obstáculos insuperáveis apresentaram-se pelo caminho, sendo o maior deles a enchente do Rio Negro, onde quase perdi toda a boiada. O rio que transbordou, a minha inexperiência como tropeiro e a desonestidade de certos mercenários responsáveis pela condução dos animais fizeram com que restassem somente quinhentas cabeças após a travessia do Rio Negro. A longa estrada que ainda percorríamos e o pouco alimento que transportávamos prejudicaram também a sua chegada a Montevidéu. Decidi, sem outra alternativa, matar os bois e retirar seu couro, deixando a carne aos corvos. Não havia outra maneira de agir."

Ao atravessar a fronteira com o Uruguai, Giuseppe Maria Garibaldi levava a futura Heroína dos Dois Mundos - Anita, um filho de oito meses, uma formação de guerrilheiro, uma boiada minguada e a sugestão de uma lenda.

Após cinquenta dias, percorrendo aproximadamente oitocentos quilômetros,

Garibaldi chega a Montevidéu com a família. Estava encerrada sua participação na Guerra dos Farrapos, no dia 17 de junho de 1841.



Desenho de Wolfgang Ludwig Rau

Referências Bibliográficas

- APPIO, Francisco. Garibaldi; Herói de Dois Mundos. Porto Alegre: RGS. Assembléia Legislativa, 1998.
- CADORIN, Adílcio. Anita Garibaldi, a guerreira das repúblicas. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- CANDIDO, Salvatore. Giuseppe Garibaldi; corsário rio-grandense 1837-1838. Trad. Maria Teresa Bassanesi. Porto Alegre, IEL; EDIPURGS, 1992.
- CAPUANO, Yvonne. De sonhos e utopias...; Anita e Giuseppe Garibaldi. São Paulo, Cia. Melhoramentos, 1999.
- CIOTIA, Antônio. La Madalena e Museo Garibaldino. Milano, Ítalo Innocenti, s.d.
- CIUFFOLETII, Zeffiro et al. I Garibaldi dopo Garibaldi; Ia Tradizione familiare e l'eredità política. Manduria: Piero Lacaite Editore, 2005. ilus.
- COLLOR, Lindolfo. Garibaldi e a Guerra dos Farrapos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977. (Retratos do Brasil, 107).
- DUMAS, Alexandre. Memórias de Garibaldi. Trad. Antonio Caruccio Capora/e. Porto Alegre, L&PM, 1998.
- GARIBALDI, Erika. Qui sostò Garibaldi; itinerari garibaldini in Italia. Roma, Istituto Internazionale di Studi Giuseppe Garibaldi; Fasano di Puglia, Schena ed., 1989.
- GARIBALDI, Erika. Là passò Garibaldi. Cartilha do Rio Grande do Sul - AAF.
- GARIBALDI, Érika & MASSA, Gaetano. Garibaldi nella L'America Meridionale; Rio Grande do Sul. Roma, Istituto Internazionale di Studi Giuseppe Garibaldi; 1988. (Quaderni Storiografici, 2)
- MARKUN, Paulo. Anita Garibaldi, uma heroína brasileira. São Paulo, ed. SENAC, 1999.
- MARTINS, Celso. Aninha virou Anita. Florianópolis, A Notícia, 1999.
- RAU, Wolfgang Ludwig. As sucessoras de Anita Garibaldi; Marquesa Giuseppina Raimondi 1860; Dona Francesca Armosino 1880; apontamentos para a história privada do General José Garibaldi. Florianópolis, ed. do autor, 1987.
- RUAS, Tabajara. A irmandade da costa. Porto Alegre, AAF; COPESUL 2000. (Os varões assinalados: um romance de cavalaria, 6).
- _____. A república de Anita. Porto Alegre, AAF; COPESUL 2000. (Os varões assinalados: um romance de cavalaria, 7)
- SANT'ANA, Elma. A cavalo, Anita Garibaldi; piquete Anita Garibaldi. Porto Alegre, AGE, 1993.
- _____. A Odisséia de Garibaldi no Capivari. Porto Alegre, AGE, 2002.
- _____. Menotti, o filho gaúcho de Anita e Garibaldi. Porto Alegre. Editora Tchê. 2003.
- _____. Bento e Garibaldi na Revolução Farroupilha. Porto Alegre. Cadernos de História. Memorial do Rio Grande do Sul 2005.

Autora

ELMA SANT'ANA nasceu em Triunfo/RS. É geógrafa e Pós-graduada em Ecologia Humana e Folclore. Autora de 17 livros publicados nas áreas de pesquisa de folclore, história, biografia, entre eles: "Menotti, o filho gaúcho de Anita e Garibaldi", "A Odisséia de Garibaldi no Capivari", "Minha Amada Maria - Cartas dos Mucker", "O Folclore da Mulher Gaúcha". Dentro da área cultural, foi Secretária de Turismo de Mostardas, Assessora Cultural de Capivari do Sul e Igrejinha. Idealizadora do Piquete Anita Garibaldi. Palestrante sobre Cultura Gaúcha, em especial, sobre a temática garibaldina. Recebeu a Comenda Glaucus Saraiva, da Câmara Municipal de Porto Alegre, a Comenda ANITA GARIBALDI, da Maçonaria do Distrito Federal, Troféu Gaúcha Sat, da Rádio Gaúcha, Troféu Melhores Mulheres, do Jornal do Comércio, Camélia de Ouro da Cidade de Velletri, na Itália, entre outras homenagens. (elmasantana@hotmail.com)